

EDUCAÇÃO EM SAÚDE E IMUNIZAÇÃO INFANTIL: ESTRATÉGIAS DE ENFERMAGEM PARA AMPLIAR A COBERTURA VACINAL INFANTIL CONTRA A COVID-19

HEALTH EDUCATION AND CHILD IMMUNIZATION: NURSING STRATEGIES TO INCREASE CHILD COVID-19 VACCINATION COVERAGE

Elisa Rodrigues da Silva¹
Janaína Moraes de Oliveira²
Laís Silva de Oliveira³
Keila do Carmo Neves⁴
Fernanda Cardoso Corrêa Póvoa⁵
Wanderson Alves Ribeiro⁶

RESUMO: A pandemia de COVID-19 trouxe muitos desafios para a saúde pública, impactando diferentes faixas etárias e contextos sociais. Entre os grupos mais vulneráveis, destacam-se as crianças, cuja proteção está diretamente relacionada à manutenção adequada do calendário vacinal. Entretanto, o cenário pandêmico ocasionou mudanças no comportamento da população e no funcionamento dos serviços de saúde, resultando na diminuição da procura pela vacinação. Nesse contexto, a Enfermagem exerce papel fundamental, pois está diretamente inserida nas ações de promoção, prevenção e cuidado em saúde. Assim, o estudo objetiva analisar as estratégias de Enfermagem voltadas para a educação em saúde, com o intuito de ampliar a cobertura vacinal infantil contra a COVID-19. Assim, adotou-se uma abordagem qualitativa, com viés descritivo e exploratório, pois não busca-se transformar os dados em variáveis mensuráveis, mas sim organizá-los de forma a serem analisados e interpretados de maneira ampla e integrada. Nesse sentido, os participantes do estudo foram as equipes de Enfermagem que atuam na Atenção Básica - AB em Mesquita, na Clínica da Família Walter Borges. A seleção dos participantes privilegiou equipes de Enfermagem com diferentes contextos de atuação, permitindo uma compreensão mais ampla das situações que envolvem a vacinação. A análise das entrevistas evidenciou, de forma consistente, que a queda da cobertura vacinal infantil durante a pandemia de COVID-19 no Brasil esteve diretamente relacionada a fatores sociais, culturais e comunicacionais, fortemente marcados pela desinformação, pelo medo e pela fragilidade no processo educativo em saúde, como aponta a literatura. Portanto, o estudo reforça a necessidade de investimentos contínuos em campanhas educativas e qualificação profissional, visando fortalecer a confiança da população nas vacinas e combater a disseminação de informações falsas.

1

Palavras-Chave: Imunização Infantil. COVID-19. Enfermagem.

¹Acadêmica de Enfermagem da Universidade Iguazu (UNIG).

²Acadêmica de Enfermagem da Universidade Iguazu (UNIG).

³Acadêmica de Enfermagem da Universidade Iguazu (UNIG).

⁴Enfermeira, Mestre e Doutora em Enfermagem pela EEAN-UFRJ; Docente na Graduação em Enfermagem e coordenadora do curso de Pós-graduação em Enfermagem em Neonatologia e Pediatria da Universidade Iguazu (UNIG).

⁵Enfermeira. Mestre em Educação em Saúde pela Universidade Federal Fluminense; Docente na Graduação em Enfermagem da Universidade Iguazu (UNIG).

⁶Enfermeiro. Mestre, Doutor com pós-doutorado pelo Programa Acadêmico em Ciências do Cuidado em Saúde pela Escola de Enfermagem Aurora de Afonso Costa da UFF; Docente nos Cursos da Universidade Iguazu (UNIG) de Graduação em Enfermagem, Lato Sensu em Enfermagem em CTI e Emergência; Enfermagem em Neonatologia e Pediatria; Enfermagem em Obstetrícia; Fisioterapia em CTI com ênfase em Neonatologia, Pediatria e Adulto. Stricto Sensu: Mestrado Acadêmico em Vigilância em Saúde.

ABSTRACT: The COVID-19 pandemic brought numerous challenges to public health, affecting different age groups and social contexts. Among the most vulnerable groups are children, whose protection is directly related to the proper maintenance of vaccination schedules. However, the pandemic scenario caused changes in population behavior and in the functioning of healthcare services, resulting in a decrease in vaccination uptake. In this context, Nursing plays a fundamental role, as it is directly involved in health promotion, disease prevention, and healthcare actions. Therefore, this study aims to analyze Nursing strategies focused on health education with the purpose of increasing childhood vaccination coverage against COVID-19. A qualitative approach with a descriptive and exploratory perspective was adopted, as the study did not seek to transform data into measurable variables but rather to organize them in a way that would allow for broad and integrated analysis and interpretation. In this regard, the study participants were Nursing teams working in Primary Health Care (PHC) in the municipality of Mesquita, at the Walter Borges Family Health Clinic. The selection of participants prioritized Nursing teams from different professional contexts, allowing for a broader understanding of situations involving vaccination. The analysis of the interviews consistently showed that the decline in childhood vaccination coverage during the COVID-19 pandemic in Brazil was directly related to social, cultural, and communication factors, strongly marked by misinformation, fear, and weaknesses in the health education process, as reported in the literature. Therefore, the study reinforces the need for continuous investment in educational campaigns and professional training aimed at strengthening public confidence in vaccines and combating the spread of false information.

Keywords: Childhood Immunization. COVI-19. Nursing.

INTRODUÇÃO

A pandemia de COVID-19⁷ trouxe muitos desafios para a saúde pública, impactando diferentes faixas etárias e contextos sociais. Entre os grupos mais vulneráveis, destacam-se as crianças, cuja proteção está diretamente relacionada não apenas aos cuidados iniciais, mas também à manutenção adequada do calendário vacinal. Dessa forma, a imunização infantil configura-se como estratégia essencial para o controle de doenças e redução de agravos, contribuindo significativamente para a saúde coletiva (Souza *et al.*, 2022).

Entretanto, o cenário pandêmico ocasionou mudanças no comportamento da população e no funcionamento dos serviços de saúde, resultando na diminuição da procura pela vacinação e, conseqüentemente, na queda das coberturas vacinais (Ribeiro *et al.*, 2024). Assim, garantir a vacinação nessa faixa etária torna-se uma prioridade para a proteção individual e para o controle da disseminação de doenças imunopreveníveis.

⁷ Doença infecciosa causada pelo coronavírus SARS-CoV-2, identificada pela primeira vez no Brasil em 2019, caracterizada principalmente por sintomas respiratórios que podem variar de leves a graves, podendo levar a complicações sistêmicas e óbito, especialmente em grupos vulneráveis.

Mediante a isso, a imunização infantil assume papel central, especialmente nos primeiros anos de vida, fase em que as crianças estão mais suscetíveis a agravos infecciosos. As vacinas, além de protegerem individualmente, contribuem para a proteção coletiva, reduzindo a circulação de agentes infecciosos. Estudos apontam que a imunização constitui uma das intervenções mais eficazes, sendo responsável por controlar e até erradicar doenças ao longo do tempo (Araújo *et al.*, 2024).

Nesse contexto, a Enfermagem exerce papel fundamental, pois está diretamente inserida nas ações de promoção, prevenção e cuidado em saúde. O contato próximo e contínuo dos profissionais de Enfermagem com a população permite criar vínculos de confiança, favorecer o esclarecimento de dúvidas e orientar as famílias de forma acessível e acolhedora. O cuidado prestado por esses profissionais não se limita ao ato da imunização, mas se estende à escuta, ao diálogo e à construção de vínculos com a população.

No entanto, apesar dos avanços conquistados, observa-se uma redução progressiva na cobertura vacinal infantil no Brasil nos últimos anos. Esse fenômeno está associado a múltiplos fatores, como os socioculturais, a desinformação e as fragilidades na organização dos serviços de saúde (Araújo *et al.*, 2024). Dessa forma, a adesão vacinal não depende apenas da oferta dos imunizantes, mas também da percepção e do entendimento da população sobre sua importância.

3

Assim, a temática surge das inquietações adquiridas da atuação das autoras na sala de imunização. Por meio dessa vivência prática, foram percebidos alguns dos desafios enfrentados no cotidiano da vacinação infantil. Durante a rotina de atendimento, observou-se a hesitação dos responsáveis diante da imunização contra a COVID-19.

Em conformidade com pesquisas já realizadas, muitos responsáveis expressaram receio em relação às possíveis reações adversas e a rapidez no desenvolvimento das vacinas contra a COVID-19 (Souto *et al.*, 2024). Além disso, a desinformação e a falta de conhecimento adequado foram identificadas como fatores determinantes para a resistência à imunização (Araújo *et al.*, 2024). Essa resistência surgia não apenas em falas explícitas, mas também em gestos de insegurança e adiamento das doses recomendadas.

As conversas informais com os pais e cuidadores revelaram a presença marcante da desinformação, muitas vezes influenciada por conteúdos disseminados nas redes sociais e por discursos de não aceitação da vacina, que ocasionou em medo e dúvidas acerca da imunização. No contexto da vacinação contra a COVID-19 em crianças de 0 a 4 anos, esses desafios tornam-se ainda mais evidentes. Pois, trata-se de uma faixa etária que depende exclusivamente da decisão dos responsáveis, sendo fortemente influenciada por percepções externas.

Nesse processo, os profissionais de saúde desempenham papel fundamental, especialmente os enfermeiros, que atuam diretamente nas salas de vacinação e no acompanhamento das famílias (Souto *et al.*, 2024). Diante desse cenário, sentiu-se a necessidade de explorar a temática. A problemática foi levantada não apenas como uma inquietação acadêmica, mas como uma necessidade urgente de intervenção prática, visando a proteção integral da população infantil e a garantia do direito à saúde de forma equitativa.

Dessa forma, o presente texto visa compreender as estratégias de Enfermagem voltadas para a educação em saúde e sua relação com a ampliação da cobertura vacinal infantil, em crianças de 0 a 4 anos, contra a COVID-19. Trata-se de investigar não apenas as ações práticas realizadas nos serviços de saúde, mas também as metodologias de comunicação, acolhimento e sensibilização utilizadas.

No Brasil, a criação do Programa Nacional de Imunizações (PNI), em 1973, marcou um avanço significativo ao garantir o acesso gratuito e universal às vacinas por meio do Sistema Único de Saúde (SUS). O programa está presente nos três níveis de gestão do SUS, Federal, Estadual e Municipal, o que contribui para diminuir desigualdades relacionadas à cobertura vacinal. Como exemplo de ação estratégica, destaca-se a ‘Operação Gota’, que possibilita a imunização de populações residentes em locais de difícil acesso geográfico (Domingues *et al.*, 2020).

4

Apesar disso, muitos responsáveis ainda hesitavam em vacinar suas crianças. Assim, em 1991 foi instituído o Comitê Técnico Assessor (CTAI), formado por especialistas de reconhecida competência e representantes de sociedades científicas, com o objetivo de fortalecer a confiança da população em relação à relevância da imunização.

A criação do CTAI esteve associada à crescente complexidade do Calendário Nacional de Vacinação (CNV), que passou a incorporar novas vacinas ao longo do tempo. De modo geral, como citam Freitas e Souza (2021, p.12), manter um sistema público de saúde requer a utilização eficiente dos recursos disponíveis, a fim de promover a melhoria da qualidade de vida da coletividade.

Diante desse contexto, anos se passaram e ao longo desse tempo, muitas discussões envolviam a importância da vacinação. Mas, em 2019, a pandemia do COVID-19 que atingiu o Brasil, intensificou ainda mais a necessidade de discutir estratégias de imunização infantil, uma vez que a vacinação representou não apenas a proteção individual das crianças, mas também a segurança coletiva diante de um cenário de alta transmissibilidade.

A pandemia de COVID-19 desencadeou impactos profundos nos serviços de saúde, especialmente no que se refere à cobertura vacinal infantil. De acordo com Gontijo *et al.* (2023), a pandemia da COVID-19 contribuiu para a sobrecarga do sistema de saúde, acentuando a queda na imunização infantil. Evidenciando que o período pandêmico, desencadeou uma queda significativa nas taxas de imunização de crianças, evidenciada pela baixa adesão às campanhas e pela hesitação vacinal por parte de muitos responsáveis.

Nesse sentido, a hesitação vacinal se consolidou como um fenômeno marcante. Os estudos de Souto *et al.* (2024) mostram que, em grande parte, o medo relaciona-se ao fato de a vacina ainda ser percebida como experimental, às possíveis reações adversas e à ausência de estudos de longo prazo. Essa incerteza, aliada à disseminação de desinformação e *fake news*⁸, dificultou o alcance das metas vacinais e reforçou a necessidade de novas estratégias educativas conduzidas pelos profissionais de saúde, em especial os enfermeiros, que atuam na linha de frente da vacinação.

Assim, a pandemia escancarou fragilidades já presentes no sistema público de saúde. A interrupção das atividades presenciais nas unidades, associada ao medo de contaminação, reduziu o comparecimento de responsáveis às salas de vacinação. As contribuições de Gontijo *et al.* (2023) reforçam que a redução das visitas presenciais aos serviços de saúde durante a pandemia intensificou ainda mais a diminuição das taxas de imunização infantil.

5

Dessa forma, a educação em saúde surge como ferramenta essencial para reduzir a hesitação vacinal, esclarecer dúvidas e fortalecer a confiança da população no processo de imunização. Os profissionais de Enfermagem, são de suma importância nessa mediação entre explicitar a importância da vacinação e ao mesmo tempo compreender como a desinformação causa impacto decisório na decisão dos responsáveis a respeito da imunização.

A problematização da queda da cobertura vacinal infantil contra a COVID-19 evidencia a urgência de repensar práticas e estratégias de atuação em saúde. O desafio não se restringe apenas à logística de distribuição dos imunizantes, mas sobretudo à reconstrução da confiança da população por meio de processos educativos efetivos e humanizados. Daí a necessidade de verificar como esses profissionais estão sendo preparados para atuarem frente a essa problemática, em diferentes contextos sociais.

A vacinação é reconhecida como uma das estratégias mais eficazes de saúde pública para a prevenção de doenças transmissíveis e a redução da morbimortalidade infantil. No Brasil, o

⁸ Expressão de origem inglesa que se refere à disseminação intencional ou não de informações falsas/distorcidas.

PNI consolidou-se como um dos maiores programas de imunização do mundo, garantindo acesso universal e gratuito a diversos imunobiológicos. Segundo Araújo *et al.* (2024, p. 2777), “a imunização infantil é uma estratégia crucial para prevenir doenças e reduzir a morbimortalidade infantil, desempenhando um papel vital na saúde pública”.

Entretanto, a adesão das famílias ao processo de imunização infantil, e nesse estudo mais especificamente contra a COVID-19, tem enfrentado barreiras significativas. Entre elas, destacam-se a desinformação, o medo de reações adversas e a circulação de notícias falsas, que fragilizam a confiança nas vacinas. Além disso, questões socioculturais e econômicas agravam ainda mais o cenário (Souto *et al.*, 2024).

Os estudos de Souto *et al.* (2024), mostram que, as famílias em situação de vulnerabilidade tiveram mais dificuldade de acessar as Unidades Básicas de Saúde (UBS), seja pela distância geográfica ou pela incompatibilidade de horários de funcionamento com a rotina de trabalho dos pais. Araújo *et al.* (2024, p. 2783) reforçam que a baixa adesão vacinal infantil no Brasil está associada também à “ineficácia dos serviços de saúde e à falta de informações verídicas e confiáveis para a população.”

Nesse contexto, nos últimos anos, o país tem enfrentado essa queda preocupante nas coberturas vacinais de modo geral. Na vacinação, como um todo, Ribeiro *et al.* (2024, p.4) apontam que, em 2020, 312 municípios apresentavam cobertura vacinal inferior a 50% para poliomielite, quando o ideal seria acima de 95%, destacando que “houve uma queda de 25% na aplicação de vacinas infantis entre 2019 e 2020.”. Assim, mostra que, uma imunização já conhecida pela população também tem sofrido impactos significantes.

A vacinação, especificamente contra a COVID-19, representou um dos maiores desafios enfrentados pelo Programa Nacional de Imunizações (PNI) no contexto da pandemia. Apesar de o Brasil ter tradição em campanhas de imunização de sucesso, com altas coberturas vacinais em décadas anteriores, a introdução das vacinas pediátricas contra o SARS-CoV-2⁹ encontrou resistência significativa entre pais e responsáveis.

Esse cenário se agrava com a disseminação de desinformação e movimentos antivacina, amplificados pelas redes sociais, que minam a confiança da população nas imunizações. De acordo com Araújo *et al.* (2024, p.2778), “esses movimentos, alimentados por teorias conspiratórias e dados científicos distorcidos, têm contribuído para a baixa adesão à imunização infantil”. Compreender como as famílias recebem, interpretam e respondem às informações

⁹ É o vírus responsável por causar a COVID-19, pertence à família *Coronaviridae*.

relacionadas à vacinação é fundamental para identificar lacunas no cuidado e propor ações que promovam maior adesão.

Nesse contexto, a Enfermagem assume papel central, uma vez que está diretamente ligada às salas de vacinação e possui vínculo direto com a comunidade. Como destacam Araújo *et al.* (2024), é imprescindível uma atuação que seja integral, que inclua iniciativas de educação em saúde e o aperfeiçoamento permanente dos profissionais, visando superar obstáculos de ordem cultural, social e informacional.

Além disso, o estudo proporciona ao estudante-pesquisador de Enfermagem um amadurecimento crítico sobre o papel do enfermeiro na promoção da saúde. Como lembram Souto *et al.* (2024, p.3), os profissionais de saúde são reconhecidos como "formadores confiáveis de opinião sobre a vacinação, podendo contribuir com a adesão ou com a hesitação vacinal".

No campo acadêmico, este estudo agrega conhecimento científico atualizado sobre um tema emergente e ainda em construção: a hesitação vacinal infantil frente à COVID-19. Ele contribui para a literatura de Enfermagem ao analisar estratégias educativas aplicáveis em diferentes contextos, permitindo que novas pesquisas sejam fundamentadas e aprimoradas a partir dessa base.

Socialmente, a pesquisa tem impacto direto na saúde coletiva, uma vez que a ampliação da cobertura vacinal protege não apenas as crianças vacinadas, mas toda a comunidade, por meio da imunidade coletiva. Além disso, contribui para combater a desinformação e os movimentos antivacina, ao propor estratégias de educação em saúde acessíveis e humanizadas.

Ao analisar as estratégias de enfrentamento da hesitação vacinal, a pesquisa amplia a compreensão sobre os desafios vivenciados nas salas de vacinação e propõe caminhos para fortalecer a confiança da população nos imunizantes. Nesse sentido, a relevância do trabalho vai além do âmbito acadêmico, pois também gera impacto social.

Nesse sentido, o objetivo geral do estudo, é analisar as estratégias de Enfermagem voltadas para a educação em saúde, com o intuito de ampliar a cobertura vacinal infantil contra a COVID-19. Para alcançar esse propósito, foram estabelecidos objetivos específicos que se complementam, dentre os quais se destaca a investigação dos fatores sociais, culturais e comunicacionais que influenciaram a hesitação vacinal infantil no contexto da pandemia.

Além disso, busca-se avaliar a atuação dos profissionais de Enfermagem no processo de imunização infantil durante e após esse período, bem como indicar ações intersetoriais entre saúde, educação e assistência social que possam contribuir para a recuperação das coberturas vacinais no cenário pós-pandêmico. Por fim, propõe-se o desenvolvimento de estratégias de

educação em saúde lideradas pela Enfermagem, visando promover maior confiança nas vacinas e, conseqüentemente, ampliar a adesão às campanhas de imunização.

Portanto, este estudo justifica-se pela urgência em compreender os fatores que dificultam a adesão vacinal infantil, para assim, propor estratégias pedagógicas e assistenciais da Enfermagem que fortaleçam o PNI, garantindo a proteção coletiva e prevenindo o ressurgimento de doenças já controladas.

METODOLOGIA

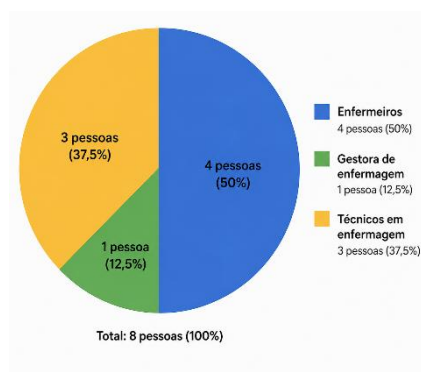
Para o desenvolvimento da pesquisa, optou-se pela abordagem qualitativa, pois segundo Losch *et al.* “Esse tipo de pesquisa possibilita explorar questões complexas e pouco conhecidas, o que pode levar a uma compreensão mais profunda e abrangente do fenômeno estudado” (p.2, 2023). Além disso, a pesquisa tem viés de natureza descritiva e exploratória, pois, segundo os autores, a pesquisa qualitativa possui caráter descritivo, pois não busca transformar os dados em variáveis mensuráveis, mas sim organizá-los de forma a serem analisados e interpretados de maneira ampla e integrada.

Já a perspectiva exploratória favorece uma aproximação mais ampla com a temática, contribuindo para ampliar conhecimentos e compreender aspectos ainda pouco discutidos no campo investigado (Lösch, 2023). Desse modo, a discussão busca interpretar não apenas se as vacinas estão sendo aplicadas ou não, mas também os motivos que podem explicar essas ausências, com o objetivo de compreender como fatores educacionais, sociais e informacionais influenciam a imunização infantil contra a COVID-19, especialmente no que se refere à atuação dos profissionais de Enfermagem.

Nesse sentido, os participantes do estudo foram as equipes de Enfermagem que atuam na Atenção Básica - AB. O local de pesquisa foi em Mesquita, na clínica da família Walter Borges, CEP 26587590. A seleção dos participantes foi feita privilegiando equipes de Enfermagem com diferentes contextos de atuação, de forma a permitir uma compreensão mais ampla das situações que envolvem a vacinação.

A quantidade de participantes entrevistados não foi previamente pré-fixada, a coleta foi encerrada quando entendeu-se que já tinha sido obtido uma quantidade relevante de diferentes casos e realidades para análise, resultando na quantidade mostrada no gráfico 1.

Gráfico 1 - Titulação dos participantes



Fonte: Elaborado pelas autoras, 2026.

A coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas semiestruturadas, compostas por seis perguntas norteadoras previamente elaboradas, com o objetivo de compreender a percepção dos enfermeiros acerca da adesão à vacinação contra a COVID-19 na faixa etária de 0 a 4 anos. As entrevistas permitiram explorar, de forma aprofundada, as experiências, opiniões e práticas desses profissionais no contexto da imunização infantil.

Castro e Oliveira (2023) discorrem sobre a entrevista semiestruturada trazendo que essa técnica valoriza a interação entre pesquisador e participante, criando um ambiente que possibilita maior abertura para relatos pessoais, característica importante quando se estuda temas de saúde que envolvem vulnerabilidade, emoções e subjetividade.

Desse modo, as entrevistas enfatizaram perguntas direcionadas a questões como: a avaliação da adesão dos responsáveis à vacinação contra a COVID-19 em crianças de 0 a 4 anos, bem como a identificação dos principais fatores que influenciam a aceitação ou recusa da vacina nesse público. Investigou-se também, as estratégias utilizadas pelos profissionais para orientar e incentivar a vacinação infantil, assim como a percepção sobre o impacto da atuação da equipe de Enfermagem na decisão dos responsáveis em vacinar seus filhos.

Por esse motivo, as perguntas foram direcionadas, mas com possibilidade de respostas abertas, permitindo que os participantes expressassem suas experiências e interpretações. As entrevistas foram gravadas pelo celular e salvas em um drive, com autorização, e posteriormente transcritas para análise.

As entrevistas foram analisadas por meio de análise de conteúdo temática abordado por Souza (2019), seguindo etapas de leitura, codificação, agrupamento de ideias e identificação de temas centrais apontados pelos profissionais entrevistados. A comparação entre os dados documentais encontrados na literatura e os relatos das entrevistas permitiu maior consistência na interpretação.

Para garantir o rigor da pesquisa, o estudo contou com a preservação do anonimato dos participantes. O projeto foi submetido inicialmente ao Comitê de Ética em Pesquisa, sendo um recorte do estudo intitulado: Crescimento e Saúde: Vigilância do Crescimento e Desenvolvimento de Crianças em Vulnerabilidade na Atenção Básica, aprovado no comitê de ética e pesquisa sob o parecer: 8.039.813.

Dessa forma, todas as entrevistas foram realizadas mediante assinatura do TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido). Sendo assegurado que a participação é voluntária e que os dados seriam utilizados apenas para fins acadêmicos. Cumprindo assim, os princípios éticos que regem pesquisas envolvendo seres humanos, conforme as diretrizes vigentes.

Logo, a metodologia escolhida buscou compreender, de forma sensível e aprofundada, não apenas o esquema vacinal das crianças, mas principalmente os fatores humanos, sociais e informacionais que contribuem para as baixas taxas de imunização e como os profissionais da AB tem atuado nessa problemática, para assim ser possível propor subsídios para ações educativas em saúde mais efetivas.

DISCUSSÕES E RESULTADOS

10

A análise das entrevistas evidenciou, de forma consistente, que a queda da cobertura vacinal infantil durante a pandemia de COVID-19 no Brasil esteve, e ainda persiste, diretamente relacionada a fatores sociais, culturais e comunicacionais, fortemente marcados pela desinformação, pelo medo e pela fragilidade no processo educativo em saúde, como aponta a literatura (Araújo *et al.*, 2024; Ribeiro *et al.*, 2024; Souto *et al.*, 2024;).

Assim, neste tópico, serão abordados os resultados obtidos a partir da análise das entrevistas, articulando-os à discussão científica e ao referencial teórico utilizado ao longo da pesquisa. Busca-se, desse modo, compreender as percepções, experiências e contribuições dos participantes acerca da temática investigada. Para manter o anonimato dos participantes, aderiu-se aos códigos E1, E2, E3, E4, E5, E6, E7 e E8, referentes ao termo ‘entrevistado’ e à ordem de realização das entrevistas.

No que se refere aos fatores que contribuíram para a redução da adesão vacinal, os relatos dos profissionais apontam, de maneira recorrente, o medo como elemento central. Esse medo está frequentemente associado à percepção de que a vacina pode causar danos à saúde, como aponta Souto *et al.* (2024) e como relatado por E5: “muita gente fala que depois da vacina do Covid tivemos muito mal súbito, muitas sequelas, que foi uma vacina feita nas pressas.”. Essa

percepção é reforçada por narrativas disseminadas socialmente, nas quais pais afirmam que “a vacina do covid tá matando” (E3), evidenciando o impacto das *fake news* na construção do imaginário coletivo.

Além disso, a influência da mídia e das redes sociais aparece como um fator determinante na hesitação vacinal. Segundo E4, “a televisão influencia muito. Eles veem uma notícia ali e já botam aquilo na cabeça.”. Essa influência contribui para a formação de crenças equivocadas, levando muitos responsáveis a recusarem a vacinação sem buscar informações confiáveis. O profissional E8 reforça essa questão ao afirmar que: “a recusa tem muito a ver com a mídia, as redes sociais e *fake news*.”, o que entra em diálogo com Araújo *et al.* (2024).

Outro ponto relevante refere-se à baixa percepção de risco da doença. Alguns profissionais relatam que muitos pais acreditam que a pandemia já acabou, o que reduz a motivação para vacinar. Nesse sentido, E1 destaca que é necessário reforçar que: “a doença está aí, ela não foi erradicada.”. Além disso, a educação em saúde se estende em diferentes momentos do cuidado.

Há destaque para a importância do acompanhamento e reforço da importância da vacinação desde o pré-natal, E8 diz: “é importante que a enfermeira já venha falando no pré-natal que as vacinas são super importantes.”. Além disso, durante a puericultura e nas consultas de rotina, os profissionais têm a oportunidade de identificar lacunas vacinais e orientar os responsáveis.

Quando questiona-se sobre a conscientização da vacinação e abordagem familiar, E7 diz: “eu já venho conversando no pré-natal sobre a importância da vacinação.”. Além disso, os participantes apontaram que o vínculo criado entre a equipe de Enfermagem e as famílias pode influenciar diretamente na aceitação vacinal.

E7, ainda afirma que: “durante o pré-natal, a enfermeira cria um vínculo com aquela mãe. Ela começa a escutar o que a enfermeira está passando. Então, assim, mediante aquele vínculo, eu acho que a Enfermagem é fundamental para isso”. Demonstra, assim, a relevância da relação de confiança construída no acompanhamento da criança, como também é apontado por Nunes (2025), que discute a importância da Enfermagem nas imunizações infantis.

Ainda sobre a puericultura, os profissionais também relataram que a caderneta vacinal frequentemente apresenta ausência do registro da vacina contra a Covid-19. E5 mencionou que: “na maior parte das vezes a caderneta tá sem carimbo na vacina de Covid.”, e ainda afirmou que “toda semana que tem puericultura, a gente olha a caderneta e tá sempre em falta a Covid.”.

Esses relatos evidenciam que, mesmo quando outras vacinas estão atualizadas, a imunização contra a Covid-19 continua sendo negligenciada por muitos responsáveis.

Sobre o impacto da Enfermagem na adesão à vacinação, E3 reforça que a confiança transmitida durante o atendimento é um elemento fundamental, como expresso em: “Não é obrigar, mas a segurança que você está passando, traz confiança para ele tomar aquela vacina. Se você não passar isso, ele não vai tomar.”. Dessa forma, a Enfermagem não apenas executa o ato vacinal, mas também atua como mediadora do conhecimento e promotora de confiança.

Outro aspecto relevante identificado nas entrevistas foi a influência do Programa Bolsa Família na adesão vacinal. Diversos profissionais relataram que muitos responsáveis só procuram a unidade de saúde devido à exigência da atualização da caderneta vacinal para manutenção do benefício social. A participante E6 afirmou que “quando a gente fala do Bolsa Família, elas nem hesitam”.

A profissional E4 destacou que “muitos dão porque é obrigado na escola, porque está no calendário vacinal”. Embora os entrevistados reconheçam que essa exigência aumenta a cobertura vacinal, também demonstraram preocupação pelo fato de a vacinação ocorrer, em muitos casos, mais por obrigação do que por conscientização sobre a importância da imunização, ao questionar a possível causa de rejeição, E2 diz: “Eu acho que é a falta de conhecimento dos pais.” e E1 “muitos têm muita resistência e não é resistência por conhecimento, muitas das vezes é por falta de conhecimento.”.

12

Dessa forma, os maiores relatos foram sobre a baixa adesão à vacinação contra a Covid-19 em crianças, destacando que a resistência dos responsáveis é frequente nas unidades de saúde. E1 afirmou que “falando em proporção, é muito abaixo das metas” ao comparar a vacina da Covid-19 com as demais vacinas do calendário infantil. E3 destacou que “de dez, nove responsáveis recusam a aplicação da vacina”, demonstrando a grande dificuldade enfrentada pelos profissionais de saúde no cotidiano da atenção básica.

No que se refere às estratégias de educação em saúde, os profissionais destacam a importância de ações simples, porém eficazes, baseadas no diálogo e na proximidade com a população. A sala de espera é apontada como uma estratégia relevante, pois como diz a E1: “você consegue pegar um público maior e levar a informação, sem estar mediante as nossas dificuldades, pelo tamanho da unidade, pelo quantitativo de usuários diariamente.”.

Além disso, o uso de exemplos concretos tem se mostrado eficaz, como E8 apresenta ao comparar o cenário atual com o período crítico da pandemia: “graças à vacina, hoje nós não

temos tantos óbitos como em 2020/2021, então, é uma estratégia que eu uso, fazer com que a pessoa olhe o entorno e veja a diferença.”.

Outro ponto importante mencionado foi a necessidade de fortalecimento da busca ativa e do trabalho conjunto entre Enfermeiros, Técnicos de Enfermagem e Agentes Comunitários de Saúde. Ações como aponta E1 “ir de porta em porta.”, orientando os responsáveis e oferecendo vacinação domiciliar. Além disso, E6 destacou que “se tivesse mais união entre Enfermeiros e Técnicos, seria possível alcançar um público alvo maior.”.

A articulação intersetorial também aparece como uma estratégia relevante, especialmente por meio do Programa Saúde na Escola, que permite levar informações às crianças e, indiretamente, às famílias. Essa integração entre saúde, educação e assistência social é fundamental para alcançar diferentes públicos e fortalecer a adesão vacinal.

Entretanto, as entrevistas também evidenciaram limitações estruturais, como a sobrecarga de trabalho, que dificulta a realização de ações educativas mais aprofundadas. E1 aponta que: “a sobrecarga de pacientes faz com que a gente não tenha tempo para poder estar passando as informações como deveria.”. Essa realidade compromete a qualidade da orientação e reforça a necessidade de reorganização dos serviços.

A análise das entrevistas evidencia que o enfrentamento da hesitação vacinal exige ações contínuas, baseadas no diálogo, na construção de confiança e na disseminação de informações seguras. Diante desse contexto, conclui-se que a ampliação da cobertura vacinal infantil depende, sobretudo, do fortalecimento das estratégias de educação em saúde lideradas pela Enfermagem e consequentemente a valorização desses profissionais, pois com a sobrecarga evidenciada, o trabalho fica mais difícil.

Assim, para alcançar os objetivos propostos, torna-se essencial investir na qualificação e valorização dos profissionais de saúde, na ampliação das ações educativas e na articulação intersetorial, visando não apenas aumentar a adesão à vacina contra a COVID-19, mas também promover uma cultura de valorização da imunização infantil e dos profissionais de saúde, principalmente no contexto pós-pandêmico.

CONCLUSÃO

Os resultados deste estudo evidenciaram que a hesitação vacinal infantil contra a Covid-19 permanece fortemente presente no contexto da atenção básica, influenciada principalmente pela desinformação, pelas fake news, pelo medo de reações adversas e pela falta de esclarecimento adequado à população. Assim como a literatura evidenciava.

As entrevistas demonstraram que a vacina contra a Covid-19 apresenta rejeição superior às demais vacinas do calendário infantil, sendo frequente a ausência dessa imunização nas cadernetas vacinais das crianças. Além disso, mostrou que a Enfermagem atua de diversas formas visando o aumento da taxa de vacinação, mas que também sofrem com a sobrecarga dos sistemas de saúde.

Observou-se também que fatores sociais e econômicos exercem influência direta na adesão vacinal, especialmente por meio da obrigatoriedade da atualização vacinal para manutenção de benefícios sociais, como o Bolsa Família. Embora essa estratégia contribua para aumentar a procura pela vacinação, os relatos indicam que muitos responsáveis ainda não reconhecem plenamente a importância da imunização como medida de proteção à saúde infantil.

Nesse cenário, a Enfermagem mostrou-se fundamental no desenvolvimento de estratégias de educação em saúde voltadas para conscientização da população. As ações educativas, o fortalecimento do vínculo com as famílias, a busca ativa, as orientações durante consultas e o trabalho interdisciplinar foram apontados pelos participantes como ferramentas essenciais para ampliar a cobertura vacinal infantil.

Portanto, o estudo reforça a necessidade de investimentos contínuos em campanhas educativas e qualificação profissional, visando fortalecer a confiança da população nas vacinas e combater a disseminação de informações falsas. Além de valorização dos profissionais de saúde, visto a sobrecarga existente.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, A. et al. Desafios contemporâneos na adesão à imunização infantil no Brasil. LUMEN ET VIRTUS, [S. l.], v. 15, n. 39, p. 2777–2797, 2024. Disponível em:

<https://periodicos.newsciencepubl.com/LEV/article/view/266>. Acesso em: 15 set. 2025.

BRASIL. Programa Nacional de Imunizações. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/pni>. Acesso em: 18 set. 2025.

CASTRO, E.; OLIVEIRA, U. A entrevista semiestruturada na pesquisa

qualitativa-interpretativa: um guia de análise processual. Entretexos, v. 22, n. 3, p. 25–45, 2023. Disponível em: (PDF) A entrevista semiestruturada na pesquisa qualitativa-interpretativa: um guia de análise processual. Acesso em: 20 nov. 2025.

DOMINGUES, C. et al. 46 anos do Programa Nacional de Imunizações: uma história repleta de conquistas e desafios a serem superados. Cadernos de saúde pública,

v. 36, 2020. Disponível em: SciELO Brasil - 46 anos do Programa Nacional de Imunizações: uma história repleta de conquistas e desafios a serem superados 46 anos do Programa Nacional de Imunizações: uma história repleta de conquistas e desafios a serem superados. Acesso em: 09 set. 2025.

FREITAS, A.; SOUZA, F. Projeto de intervenção para conscientização sobre a imunização das crianças no município de Aroazes-PI. 2021. Disponível em: Acervo de Recursos Educacionais em Saúde (ARES): Projeto de intervenção para conscientização sobre a imunização das crianças no município de Aroazes-PI. Acesso em: 09 set. 2025.

GONTIJO, A. et al. O Impacto da Pandemia da COVID-19 na Cobertura Vacinal Infantil Brasileira. Pesquisa, sociedade e desenvolvimento, v. 13, n. 7, p. 1-11, 2023. Disponível em: Repositório Institucional AEE: O impacto da Pandemia da COVID-19 na Cobertura Vacinal Infantil Brasileira. Acesso em 16 set. 2025.

LOSCH, S. et al. A pesquisa exploratória na abordagem qualitativa em educação.

Revista Ibero Americana de Estudos em Educação, Araraquara, v. 18, 2023. Disponível em: [bing.com/ck/a?!&&p=22f672b808b5e5bba3655d04243220ab0fc200335c8d0d5a44b4118c7a52204cJmldtHM9MTc2MzY4MzIwMA&ptn=3&ver=2&hsh=4&fclid=2112bb8b-abf2-6ee5-2c65-afd0aaa36f4a&psq=PESQUISA+qualitativa+com+viés+descritivo+e](https://www.bing.com/ck/a?!&&p=22f672b808b5e5bba3655d04243220ab0fc200335c8d0d5a44b4118c7a52204cJmldtHM9MTc2MzY4MzIwMA&ptn=3&ver=2&hsh=4&fclid=2112bb8b-abf2-6ee5-2c65-afd0aaa36f4a&psq=PESQUISA+qualitativa+com+viés+descritivo+e)

+exploratorio+-+artigos&u=a1aHR0cHM6Ly9wZXJpb2RpY29zLmZjbGFyLnVuZXNwLmJyL2liZXJvYW5lcmJYW5hL2FydGljbGUvZG93bmVvYWQvMTc5NTgvMTcyNDcvNzI3Njc&ntb=1. Acesso em: 18 nov. 2025.

NUNES, L. A Importância do Enfermeiro nas Campanhas de Vacinação Infantil. . Saúde Coletiva (Barueri), [S. l.], v. 15, n. 92, p. 14158–14171, 2025. DOI: 10.36489/saudecoletiva.2024v14i92p14158-14171. Disponível em: <https://www.revistasaudecoletiva.com.br/index.php/saudecoletiva/article/view/3244>. Acesso em: 27 mar. 2026.

RIBEIRO, A. et al. Impactos na vacinação infantil frente a pandemia COVID-19. Revista Faculdades do Saber, v. 9, n. 21, p. 222–232, 2024. Disponível em: Impactos na vacinação infantil frente a pandemia COVID-19 | Revista Faculdades do Saber. Acesso em: 27 mar. 2026.

SOUTO, E. et al. Hesitação vacinal infantil e COVID-19: uma análise a partir da percepção dos profissionais de saúde. Cadernos de saúde pública, v. 40, n. 3, p.1-12, 2024. Disponível em: pt. Acesso em: 28 mar. 2026.

SOUZA, J. et al. Cobertura vacinal em crianças menores de um ano no estado de Minas Gerais, Brasil. Ciência & Saúde Coletiva. Rio de Janeiro, v. 27, n. 9, p. 3659-3667, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232022279.07302022>. Acesso em: 29 mar. 2026.

SOUZA, L. Pesquisa com análise qualitativa de dados: conhecendo a Análise Temática. Arquivos brasileiros de psicologia, v. 71, n. 2, p. 51–67, 2019. Disponível em: Pesquisa com análise qualitativa de dados: conhecendo a Análise Temática. Acesso em: 21 nov. 2025.